

Literatura Brasileira de Expressão Alemã

www.martiusstaden.org.br

PROJETO DE PESQUISA COLETIVA
Coordenação geral: Celeste Ribeiro de Sousa

ELLY HERKENHOFF

1906-2004

(Valburga Huber)

2014

Primeiro encontro

Elly Herkenhoff*

Martina desce do ônibus no ponto em frente ao parque. Devagar, muito devagar e fingidamente pensativa, porque na divisão interior de seus sentimentos, ela tenta ainda, com todos os meios, manter o controle da situação, postergar o momento decisivo até onde for possível.

Tudo nela é, ao mesmo tempo, tumulto, expectativa, medo e felicidade esperançosa. Mil vezes ela já imaginou este primeiro encontro com Hans Jürgen. Mil vezes ficou na frente do espelho contemplando seu rosto em desespero sem limites, este rosto esculpido harmoniosamente, mas também horrivelmente deformado por extensas cicatrizes... Ela tentou, de todas as maneiras imagináveis

* Tradução de Valburga Huber. Herkenhoff, Elly. Erste Begegnung. In: *Serra-Post Kalender*, Ijuí, 1961, p. 161-165.

disfarçar o lado direito do rosto e do pescoço na medida do possível com ajuda do seu maravilhoso cabelo louro. Ela ensaiou cada um dos seus passos, cada palavra que iria usar ao cumprimentar, para fazer Hans-Jürgen e a si mesma superar o primeiro choque paralisante. Ela imaginou mil vezes, como ela cruzaria, com passos curtos e elásticos, a calçada, indo direto para o lugar combinado no parque. Ela vê, então, Hans-Jürgen emergir da multidão e surgir na sua frente, depois de distanciar-se rapidamente do banco, assim que vê o seu sinal de reconhecimento – botões de rosa no decote da blusa branca. Ela vê como ele voa ao seu encontro, com os olhos radiantes, dentes brilhantes, com os braços meio estendidos, tendo na mão direita o livro de poesias vermelho-dourado de Rilke, conforme combinado. Dois, talvez três passos – aí seu pé petrificado fica parado como que pregado no chão, o sorriso desaparece, os braços caem e os olhos, há pouco tão radiantes de felicidade, arregalam-se mais e mais, primeiro em espanto inacreditável e logo cheios de desespero...

Agora Martina está ali na esquina, minutos se passaram e ela não consegue decidir se toma a passarela dos pedestres. Seu coração bate selvagem a ponto de explodir, ela aperta a bolsa com as mãos crispadas contra os três botões de rosa do decote de sua blusa de renda e olha atentamente pelo fluxo intenso de veículos o parque do outro lado. No entanto, um grupo de estudantes, gesticulado muito e debatendo alto, impede-lhe a visão. As pessoas correm às pressas para o outro lado, para cima e para baixo, passando por ela. Ela não percebe os numerosos e meio assustados olhares dos transeuntes. Ela está acostumada a esta curiosidade, da qual é vítima há quase três anos, sempre que aparece na rua. Tudo aconteceu tão vertiginosamente rápido quando ela, com mais quatro outros funcionários do escritório, se viu cercada pelas chamas e fumaça. Apesar disso, tudo teria corrido bem e ela teria se salvado, ilesa como os outros, se ela não tivesse tropeçado no último instante num sarrafo e batido a cabeça nas vidraças estilhaçadas nas chamas. Ela ficou, então, na cama, entre a

vida e a morte, até que finalmente a juventude venceu e ela começou a sarar. E com a cura veio aquela manhã, dois dias antes de receber alta do hospital... Mamãe está preocupada ao lado de sua cama, acariciando suas mãos, enquanto o velho Dr. Aldo tira cuidadosamente a última atadura da testa. Ele sorri para ela, dando-lhe ânimo e diz: "Portanto, depois de amanhã vamos para casa, senhorita Martina. Finalmente nós a deixamos livre novamente!" Ao lado dele estava o pastor Bernhard, este não sorria, ele olhava pela janela por cima das chaminés e prédios. Tinha as mãos cruzadas e movia os lábios em oração silenciosa. E, então, ele diz com sua voz grave e bondosa: "Deus, o Pai Todo poderoso, preservou tua vida, Martina. Foi sua vontade, que você escapasse da morte apesar dos mais graves ferimentos. E por esta graça nós lhe agradecemos!" E daí, sim, vem a irmã Marianne e coloca o espelho na frente do seu rosto...

Martina encolhe os ombros como se congelasse e lança um rápido olhar ao seu relógio de pulso. Ela sabe que Hans-Jürgen já a espera, muito antes da hora marcada e ele odeia a impontualidade – mas ela não consegue fazer nada, ela tem que lançar primeiramente um olhar para o outro lado para, com um rápido olhar, poder envolver e guardar em si sua figura antes que ela avance na direção dele e antes –

Agora a imagem ressurgue em sua mente, a mesma imagem que a persegue até mesmo nos sonhos, desde que surgiu entre eles a possibilidade de um primeiro encontro. Ela o vê novamente na sua frente, como ele, ao vê-la, se apressa em sua direção na frente do banco, como ele voa de encontro a ela, com olhos radiantes e dentes brilhantes, as mãos meio estendidas e na mão direita o volume das poesias de Rilke, nas cores vermelha e dourado. Ela vê como seu pé, então, paralisa, como o sorriso se apaga, como os braços caem e como olhos se arregalam de horror diante dos olhos radiantes, mais e mais... "Ela sabe que ela ainda deve ir adiante, que vai lhe estender ingenuamente a mão, sorrindo e dizendo, como se isto fosse a coisa mais natural e óbvia do mundo." Bom dia, Hans-Jürgen", ela dirá,

“alegra-me, que já estás aqui! Espero que não tenhas esperado tempo demais, eu apenas me atrasei alguns minutos...”

Pai Todo-poderoso! Se ao menos o momento decisivo já tivesse transcorrido! Ou se pelo menos mamãe estivesse ao lado dela, ou Erika ou papai! Ou mesmo a tia Hanny... Talvez a gente devesse tê-la escutado. Talvez ela tivesse razão na sua revolta, quando ela descobriu o acontecido naquele café domingueiro. Ela estava muito nervosa, vermelha como um camarão, piscava os olhos sem parar e gesticulava com ambas as mãos no ar.” Espantoso, isso! Portanto, no meio da cidade, num parque, tu tinhas que te encontrar com ele! Como se não tivesses família, nem casa paterna! Este primeiro encontro de vocês devia ser aqui na casa dos pais! Isto é mais lógico e mais conveniente!”

“ Mais conveniente – meu Deus...” disse tia Érica, torcendo o nariz e colocando o braço sobre o ombro de Martina, como se ela tivesse que proteger a irmão de alguma forma ante a veemência da tias! “Mais conveniente... o que diz respeito a isso. Papai balançou a cabeça branca algumas vezes, sorveu um pouquinho do seu café que fumegava gostoso, pegou uma fatia de bolo do prato e decidiu:” Bom, eu acho que isso deixamos a critério de nossa Martina. Ela tem 24 anos, seu admirador 36. Eles já se conhecem 6 meses por telefone. E se eles concordaram que seria melhor se encontrar na cidade do que aqui em casa...” Mamãe por enquanto não falou nada, enquanto dava a tia Hanny a segunda xícara. Só depois de um bom momento ela pigarreou, concordou com Martina sorrindo e começou: “Pois é, querida Hanny, no final das contas não se trata aqui do que é mais lógico e correto, neste primeiro encontro de nossa Martina com Hans-Jürgen...”

Eu não vou suportar, pensa Martina, de repente, prestes a chorar. Se ele agora me der as costas, se eu tiver que perdê-lo – eu não posso suportar isso, eu não posso – agora já não posso... Ela escuta no seu espírito a voz do pastor Bernhard falar da graça da vida, ela a irmã Marianne com o espelho estendido ante seus olhos e a amargura surge, como acontece com frequência, no seu coração.

Misericórdia. Esta vida miserável e despedaçada? Oh, se fosse possível afastar este momento decisivo! Simplesmente voltar correndo para o ponto e entrar no primeiro ônibus.

– “Isso seria covarde, minha filha”, diria o papai agora, se estivesse aqui ao lado dela. “E covardia é fraqueza, você sabe disso.” E a mãe a sacudiria pelos ombros “Martina, filha! Tudo isso é bobagem, com a qual você se tortura há semanas! Se ele realmente te ama, então ele ficará surpreso ao primeiro olhar e talvez um pouco decepcionado, porque tu tens outra imagem na imaginação dele, mas rejeição pelas tuas cicatrizes ele jamais terá, em toda sua vida. Você se agarrou compulsivamente ao seu complexo e agora acredita que todas pessoas tem que ficar necessariamente chocadas assim que te veem. Além disso, Martina, tu sabes que a tia Hanny prometeu, que ela cobrirá os custos de uma nova operação, caso este especialista, que já realizou operações plásticas milagrosas, prometer sucesso para a tua. É certo que os médicos fizeram naquela ocasião, o que foi possível fazer e isso, com certeza, já foi um milagre – mas, neste ínterim, passaram-se três anos e, quem sabe. Mas, ah! Isto tudo é bobagem! Acredita finalmente em mim, minha filha: o amor verdadeiro não é destruído por estas coisas externas! O amor verdadeiro vem de um coração e vai para outro coração! Procura só o cerne, o valor interior da pessoa.

“Certo, mãe, certo...” soluça Martina quase de forma audível e pensa naquele domingo à noite, há seis meses atrás, quando o telefone tocou estridentemente, no meio do programa de televisão preferido de toda a família e ela tirou o receptor do gancho, sem ter ideia que, no instante seguinte, por conta de um engano banal, mas também como algo do destino, Hans-Jürgen entrara na sua vida.

Ela pensa em seu outro cauteloso telefonema, na noite seguinte, e nas incontáveis horas que se seguiram, pois ela, com o telefone comprimido ao ouvido, ouvia sua voz grave, enquanto ele falava sobre mil assuntos, analisava problemas ou quando ambos trocavam ideias

sobre uma lista de interesses comuns – de Fidel Castro e bomba atômica até Wagner, Schweitzer ou Proust...

Ela pensa na noite em que ele lhe falou, pela primeira vez, sobre sua terra natal, a Renânia, sobre sua maravilhosa e despreocupada infância e adolescência, e dos mil planos, com os quais se preparou para o exame de admissão no Conservatório de sua cidade natal, até que, na deflagração da guerra, tudo – sonhos de estudo e formação artística – tiveram um brusco fim. Ela pensa em pedaços do seu relato sobre o tempo que veio a seguir, quando ele, diante de Stalingrado, no dia mais negro de toda sua vida, foi ferido e levado para um hospital militar, e na descrição do primeiro período pós-guerra, quando ele, na penúria, levava uma vida miserável como cantor e pianista de um clube noturno – até o dia em que o único irmão de sua mãe, que residia no Brasil e visitava a Alemanha, sugeriu-lhe a emigração. Isto não só porque ele era sócio de uma fábrica de pianos e estava interessado no trabalho de seu sobrinho com grande talento musical, mas também porque sua mulher, tia Irene, sentiu, desde o primeiro instante, um carinho imenso por este desconhecido filho de sua cunhada e o cercou de infinita bondade e maternidade comovente.

Martina continua no mesmo lugar. Ela ainda aguarda na esperança de lançar um rápido olhar para o outro lado, antes de ela ir ao seu encontro, antes de ele sair ligeiro do banco e voar ao encontro dela, com olhos radiantes, com dentes brilhantes, os braços meio estendidos.

Ela fica tonta e tem que fechar os olhos repentinamente ao lembrar suas palavras, de ontem à noite – por horas ela sonhou acordada. Eu estava novamente em casa e ainda eram tempos de paz e eu estava deitada numa campina numa manhã de verão. Ao lado dela murmurava um riacho cristalino e o vento sussurrava nos pinheiros e as cotovias festejavam e eu ouvia sua voz e piscava olhando o sol e as nuvens que voavam no céu azul sobre mim..." Desde o primeiro instante, Martina, eu amei a tua voz e não consigo mais imaginar

minha vida sem ti..." Suave, quente e cheio de carinho era tudo o que ele dizia. Então, ele silenciou um longo instante. "E novamente ele recomeçou, num tom diferente, alegre, o qual ainda parecia vibrar em seu ouvido, depois que ele já tinha terminado e o silêncio já reinava há segundos entre eles." E desde aquela primeira noite, vejo a tua imagem sempre diante de mim – dia e noite." Mesmo que não tivesses me dado nenhuma característica de tua aparência, ainda assim eu te reconheceria, somente pela tua voz, ver-te-ia na minha frente – como tu és: grande e com figura impecável, louro-ruivo e de olhos azuis, com rosto oval, um pouco bronzeado, nariz reto, testa alta e boca naturalmente vermelha com dentes brancos e fortes..."

De repente, chegamos ao fim do debate, o grupo se desfaz, os estudantes se separam – e Martina sente, como as batidas do coração vacilam, quando ela percebe a alta e imponente figura de terno escuro sentada ao lado do banco. Os olhos dele olham reto para a frente – agora ele deve vê-la também.

– Agora?

– Não, ainda não!

Crianças barulhentas passam estabanadas e esbarram nele. O volume vermelho cai de sua mão direita – ele se abaixa rapidamente e as mãos se estendem contra o chão – e os dedos apalpam e apalpam o cascalho, sempre passando rente ao livro... Agora Martina sente o seu rosto crispar-se, enquanto lá do outro lado uma jovem se abaixa e coloca o livro de volta nas mãos de Hans-Jürgen. E o vê sorrir, ele agradece à gentil jovem com algumas palavras e seus olhos continuam olhando reto, sempre reto, sempre no escuro, no vazio.

Mil pensamentos atravessam-lhe o cérebro e um dilúvio de percepções apertam-lhe a garganta, por segundos, com um seco e silencioso soluço. Transeuntes a cercam e cuidam dela. Fazem perguntas, às quais ela não responde, e ele nem sequer escuta. Ela recusa ajuda com um vago movimento de mão, sem saber o que diz. Ela sabe apenas, que Hans-Jürgen está lá do outro lado, esperando por

ela há muito tempo, devorado por mil dúvidas e torturante impaciência. E, de repente, ela vê de novo o rosto bondoso do pastor Bernhard, ela o ouve falar da graça da vida, enquanto a irmã Marianne, com olhos cheios de compaixão e ânimo, lhe estende o espelho ante os olhos. Neste momento, ela não sente amargura. – Pela primeira vez ela sorri ao se lembrar disso e, repentinamente, de forma inconsciente, ela junta as mãos para a oração de ação de graças mais profunda de sua vida, aqui no meio desta agitação de cidade grande. Neste momento, ela sabe, enquanto ela sobrevoa com grandes e elásticos passos a calçada na esquina, que os pássaros gorjeiam no parque apesar do barulho e da confusão, e que os botões frescos no decote da sua blusa exalam perfume, e que o sol brilha cheio de calor e bem estar. Talvez seja injusto que ela sorria agora – agora que ela sabe do profundo sofrimento da vida dele. Mas ela nada pode fazer contra isso, porque ela está indescritivelmente feliz, na consciência de que Hans-Jürgen a ama, que ela é jovem e tem o direito de fazê-lo feliz, porque ela ficará com ele e caminhará ao seu lado, através de toda a sua única e bela vida.